

## **DELIVERE RURAL**

Sou interiorano, e, juro que nunca vi uma cena inusitada como a que presenciei dias atrás, principalmente, por ter ocorrido dentro da cidade, num bairro afastado do centro.

Estava eu passando por uma rua, de carro, e diante do fato, parei e fiquei admirando a ocorrência. Um senhor, provavelmente caipira, estava andando a cavalo, quando o animal começou a mancar. Ele parou, apeou do animal e notou que o coitado sentia dores ao andar; amarrou o animal num mourão de cerca, sentou-se numa pedra, pegou seu celular e, num sotaque típico do interior, ligou para um determinado número. Eu, continuei ali parado cheio de interrogação, quando dentro de mais ou menos quinze minutos, apareceu um outro cavaleiro, com os mesmos modos do primeiro; apeou, tirou da garupa do animal uma valise, dessas que médico leva consigo, conversou com o “paciente” que explicou o ocorrido, e, diante do fato, abriu a valise, examinou o casco do cavalo e pelo jeito acho que era problema de ferradura quebrada. Pegou a pata do animal, colocou-a entre suas pernas, na altura dos joelhos, e dentro de aproximadamente vinte minutos fez uma limpeza no casco e colocou uma nova ferradura no cavalo. Juro que fiquei abismado com o fato, desci do carro, apoiei-me sobre o capô e fiquei admirando a cena. Foram quarenta minutos, não perdidos, mas cheio de indagações, como por exemplo: O progresso já atingiu as mais diferentes pessoas, ao ponto de um simples caipira usar o celular e requisitar um ferreiro “delivere” e ser atendido imediatamente in-loco.

Diante dos fatos, pensei comigo, quero ver até onde vai essa situação.

Notei que os dois cavaleiros saíram fumando cigarro de palha, envolvidos naquela nebulosa fumaça, e, mantendo um certa distância eu os observava, quando ambos pararam defronte a uma agência bancária, amarraram seus cavalos no gradil do banco e entraram na agência. E eu continuava observando a cena. Notei que o primeiro foi no caixa automático, tirou de um pacote embrulhado num lenço, misturado com fumo e demais documentos,

um cartão magnético, olhou para cima - acredito que estava pensando no número da senha – introduziu o cartão na máquina e sacou alguns trocados, que repassou ao segundo que lambuzou de saliva os dedos e conferiu os trocados, e, num aperto de mãos, saíram com destino opostos, que acredito eu, satisfeitos pelo serviço e pela remuneração.

Após tudo isso, volto a confirmar- O progresso realmente está andando a “galope”.

JOSE ROSA COELHO (Monte Mor)